

INDIGENISMO LITERÁRIO LATINO-AMERICANO E ESTUDOS CULTURAIS: UM ESTUDO HISTÓRICO-COMPARATIVO BOLIVIANO-MEXICANO NAS OBRAS RAZA BRONCE E EL RESPLANDOR

Latin American Literary Indigenism and Cultural Studies: a Bolivian-Mexican Historic-Comparative Study in the Fictions Raza Bronce And El Resplendor

Paulo Rodrigo Pereira da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

Juan Pablo Martín Rodríguez

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

Resumo

O texto propôs analisar o nomeado nesta pesquisa como Segunda Fase da Literatura Indigenista na América Latina. Nesta perspectiva, descrevendo as principais características deste movimento como uma das vanguardas da América Latina, com o uso da perspectiva da Literatura Comparada (COUTINHO, 2023; 2016; 2013; 2003) em debate junto aos Estudos Culturais Pós-Coloniais no contexto das Teorias da Subalternidade (SPIVAK, 2010). Para tanto, o artigo foi dividido em três partes, sendo a primeira voltada à definição de Literatura Indigenista e como este movimento está organizado; a segunda parte, discutindo a abordagem epistemológica adotada pelo indigenismo nesta pesquisa nomeada de avatar de informante nativo, a partir da construção de um lócus enunciativo híbrido. E por último, serão apresentadas as principais características do movimento enquanto aporte teórico. Esta pesquisa teve como referencial as obras *Raza de Bronce* do boliviano Alcides Árguedas (2001; 2006) e de *El Resplendor* do mexicano Maurício Magdaleno (1937; 1950).

Palavras-Chave: Estudos Culturais; Segunda Fase da Literatura Indigenista; Raza de Bronce e El Resplendor.

Abstract

The present text have proposed in order to analyze the called in this research the Second Phase of Indigenous Literature in Latin America. In this perspective, the aforementioned describes the main characteristics of this movement as one of the vanguards of Latin America, using the perspective of Comparative Literature (COUTINHO, 2023; 2016; 2013; 2003) in debate with Post-cultural Studies. Colonials in the context of Theories of Subalternity (SPIVAK, 2010). To this end, this article was divided in three parts, which the first, it was focused on the definition of Indigenous Literature and how this movement is divided; the second part is focused on the epistemological approach adopted by indigenism in this research called native informant avatar based on the construction of a hybrid enunciative locus and finally, the main characteristics of the movement as a theoretical contribution will be presented. This research was based on the fiction *Raza de Bronce* by Bolivian Alcides Árguedas (2001; 2006) and *El Resplendor* by Mexican Maurício Magdaleno (1937; 1950).

Keywords: Cultural Studies; Second Phase of Indigenous Literature; Raza de Bronce and El Resplendor.

INTRODUÇÃO

O artigo teve por objetivo analisar o nomeada neste texto como Segunda Fase do Indigenismo Literário na América Latina ao apresentar as principais características deste movimento, uma das vanguardas da América Latina a partir da perspectiva da Literatura Comparada (Coutinho, 2013) em debate junto aos Estudos Culturais Pós-Coloniais no contexto das Teorias da Subalternidade (Spivak, 2010) e da Imagologia na Antropologia do Imaginário da mesorregião tendo como referencial as obras *Raza de Bronce* do boliviano Alcides Árguedas (2001; 2006) e de *El Resplandor* do mexicano Maurício Magdaleno (1937; 1950).

A referida abordagem literária nomeada como “Segunda Fase do Indigenismo” está centrada histórica e esteticamente no período compreendendo as primeiras décadas do século XX e aprofundando as questões sociais e históricas vinculadas à colonialidade, à segregação e a violência imposta pelos grupos oligárquicos aos povos indígenas tanto nos Andes quanto no México. Nesta perspectiva, esta pesquisa está voltada aos estudos dos mitos fundadores locais configurados na imagem do indígena, do colonizador e das terras latino-americanas.

A partir da perspectiva epistemológica nomeada de avatar de informante nativo (Spivak, 2010b), essas imagens são utilizadas na representação de subalternidade e foram usadas como plataforma simbólica, a qual foi possível para entender pelo viés estético a segregação dos *Aymará* andinos e *Otomí* mexicanos pelas classes hegemônicas da época. Assim, a referida abordagem teórico-estética possibilitando entender o processo dos traumas e a violência imposta a estes povos pelo viés literário. Ressaltando que a abordagem adotada nesta pesquisa subscreveu a literatura indigenista a partir de um lócus enunciativo híbrido (Ribeiro, 2017; Coutinho, 2013), formulado por uma voz emprestada de um indivíduo não-indígena buscando discutir em nome daqueles que tiveram as vozes silenciadas.

Para traçar um perfil da nomeada Segunda Fase do referido movimento, o texto foi dividido em três partes, sendo a primeira uma visão geral acerca do indigenismo; a segunda apresentando as perspectivas epistemológicas utilizadas na análise das obras e a terceira focada nas características principais do movimento.

DO INDIGENISMO LITERÁRIO

Chamamos de Indigenismo literário a corrente estética focada na representação dos povos indígenas, observando aspectos socioculturais como a cosmovisão e modo de vida. Esse movimento surgiu como uma forma de evidenciar as vozes indígenas, ao mesmo tempo buscando denunciar as injustiças e a violência vivenciadas por esses povos, observando não apenas o processo de colonização como também a atualidade indígena quando uma determinada obra foi escrita.

Para Márcia Naciff (2008, p. 35) a obra de Árguedas seguiu como uma das maiores obras indigenistas porque “se engaja no debate sobre a definição da Nacionalidade latino-americana, além de uma vocação realista com introspecção social e uma forte presença do telúrico”. Neste contexto, muito do caudilhismo se destacando na obra boliviana com referência direta aos acontecimentos, relatando diversos conflitos entre indígenas e caudilhos. Nas passagens históricas, ficando evidente ao/a leitor/a a violência imposta aos *Aymarás*, acentuando a relação de dominação-dominado. Esta relação utilizando a personagem *Wuata-Wuara* como imagem literária da condição subalterna indígena.

A obra de Magdaleno destacada como uma das ficções pós-revolução Mexicana, caracterizando os escritores ensaísticos, filósofos e as abordagens estéticas de fortes orientações nacionalistas da geração de escritores nas décadas de 1920 e 1930, como acentou Pilar Bellido Navarro (1996). E *El Resplandor* (Magdaleno, 1937), está no plano de uma escritura artística “*militante y comprometida, erige al indígena por una parte en el símbolo de la personalidad mexicana y, por otro, en baremo del proceso revolucionario*”. (Navarro, 1996, p. 83). Esta obra mexicana apresentou “a classe” indígena oprimida, explorada, em situação de extrema pobreza e os convertendo também como símbolo do fracasso revolucionário. Como o foco da nossa pesquisa foi na Segunda Fase, entendemos como relevante entender as demais fases do indigenismo apresentada na tabela a seguir:

TABELA 01: Quadro-Resumo de Fases do Indigenismo na Literatura Latino-Americana.

Fase	Periodização	Contexto Histórico	Contexto Estético	Obras de maior relevância
1ª Fase: Indigenismo Assimilacionista do século XIX	Entre 1887 (Início do Modernismo Latino-Americano) e 1910 (início da Revolução Mexicana).	Primeira Guerra Mundial; Início da Revolução Mexicana	Influência do Romantismo através dos romances de costume, do Indianismo além do Realismo.	<i>Aves sin nido</i> (TURNER, Clorinda Matto de Ano de Publicação: 1889).
2ª Fase: Indigenismo Integracionista Modernista	Entre 1917 e 1940	Fim da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, o Mujiquismo Russo, a Revolução Mexicana (pós-revolução).	Influência da Literatura Mujiquista Russa, dos Romances Socialistas. Vanguardas Latino-americanas	<i>Raza de Bronce</i> (ÁRGUEDAS, Alcides, 1919); <i>El Resplandor</i> (MAGDALENO, Mauricio, 1939)
3ª Fase Metaindigenismo	Década de 1950	Desenvolveu-se paralelamente ao Neoindigenismo	Integrando perspectivas contemporâneas e críticas sobre a identidade indígena e suas representações	<i>El pes de oro</i> (CHURATA, Gamaliel. 1957)
4ª Fase: Neoindigenismo	1942 aos anos 1976	Movimentos Indigenistas (México, 1942) e influência do Realismo Mágico, o Real <i>Maravilloso</i> e o movimento das “indianidades”.	Fim da Segunda Guerra Mundial (1945). Diferentes Ditaduras na América Latina (Brasil-1964; Peru-1968, entre outras).	<i>Todas la Sangre</i> (ÁRGUEDAS, José Maria. 1964). <i>Maira</i> (RIBEIRO, Darcy. 1976).

FONTE: Própria autoria deste trabalho a partir de Figueiredo (2010); Schwartz (1995).

Do Indigenismo assimilacionista, chamado também nomeado de “Primeira Fase” neste texto, destacamos a obra *Aves sin Nido* (1889) da escritora peruana Clorinda de Matto Turner (1852-1909). Esta ficção é considerada a primeira ficção Indigenista do Movimento Vanguardista da América Latina por parte de pesquisadores/as, teóricos/as e críticos/as da literatura latino-americana. A obra *Aves sin Nido* (Turner, 1889) expressando uma proposta literária que expõe os vícios e as virtudes de um povo, em um enredo que se desdobra como uma fotografia. Nesta ficção, há todo um conjunto de reivindicações que buscavam uma participação com mais igualdade social entre indígenas e a classe dominante em um enredo focado na denúncia da exploração das mulheres indígenas na serra peruana.

A segunda fase do Indigenismo da Literatura latino-americana herdaria da obra de Turner a crítica à Igreja Católica Romana, além de aproximações estéticas ao Realismo. Enquanto realista, Turner apresentou ao/a leitor/a uma ficção com uma forte ênfase ao espaço geográfico, a Natureza e aos costumes. Ainda como obra romântica, a autoria focou em sua obra questões relacionadas ao folclore local em estruturas narrativas e nos personagens oscilando entre o bem e o mal.

Como ficções da Segunda Fase que chamamos “Indigenismo Integracionista”, apontamos a obra *Raza de Bronce* (Árguedas, 2001) como a primeira ficção de fundação indigenista das vanguardas latino-americanas. (Schwartz, 2005). Uma vez que há fortes relações entre as temáticas na obra e a abordagem teórica do Indigenismo apresentada por Marátegui (2008) na obra *Siete Ensayos além de El Resplendor* (Magdaleno, 1950), produzida como uma das ficções de forte peso desta fase da literatura indigenista.

A Terceira Fase nomeada de Metaindigenismo ocorreu paralelamente ao Neoindigenismo, integrando uma perspectiva contemporânea e crítica acerca da identidade indígena e de suas representações, combatendo aspectos caricaturados e estereotipados, com textos que exploram a cosmogonia indígena com destaque a nomes como Gamaliel Churata. O Neoindigenismo definido como uma corrente que coincide com o movimento conhecido como “Boom latino-americano”, iniciado em meados dos anos de 1950. Esse movimento envolveu aspectos do realismo mágico, do real maravilhoso, além de ser urbanista andino e cosmopolita; construído a partir de uma perspectiva poética e pessoal sobre os Andes.

Em cada país, as crises e conflitos internos, as questões sociais e políticas foram responsáveis pela configuração do indigenismo em nível local/nacional. Contudo, e a partir da tabela 1 apresentada acima, as questões de caráter transnacional foram responsáveis por estender os conflitos e as necessidades, circunscrevendo as diferentes representações da imagem indígena no contexto da América Latina.

ESTUDOS CULTURAIS: INFORMANTE NATIVO E LÓCUS ENUNCIATIVO HÍBRIDO NA LITERATURA INDIGENISTA

O termo informante nativo advém da Etnografia sendo utilizado para indicar o sujeito híbrido emergente, constituído como um mestiço e que se constrói entre o metropolitano e o autóctone configurado na (auto)representação cultural. (Spivak, 2010). A partir dele, o termo avatar de informante nativo é entendido como uma abordagem estético-epistemológica centrada na representação do sujeito-agente humano nas ficções literárias e refletindo o pensamento dos agentes sociais representados (subalterno-explorador) e que não se fundamenta unicamente no emocional ou no imaginário, como no social, político e cultural como observou Susana Rotker, (1992, p.110-11).

Ressaltando que o termo nativo não é utilizado exclusivamente aos povos indígenas, mas a qualquer agente social “natural de um determinado *lócus* social” (questões étnicas, raciais, de gênero) e não apenas o indígena. Neste caminho, o avatar de informante nativo assumindo um papel crucial nesse processo de denúncia ao qual a ficção indigenista focaliza, com subsídios para a construção de narrativas desafiando a visão hegemônica da história e das expressões socioculturais indígenas.

Assim, o nomeado como avatar de informante nativo, possibilita uma leitura pela ótica do Indigenismo. Esta abordagem para entender muitas das angústias, vivências e anseios destes povos tangíveis pela literatura em textos ensaísticos e jornalísticos da época quando nomes como Árguedas, Magdaleno entre outros alçaram a voz em defesa, ainda que neste período, os indígenas não falassem por si só. Estes autores atuaram como tradutores de todo um movimento, ao mesmo tempo em que ocorriam na Bolívia, Peru ou no México, era observável em diferentes países da América Latina.

Sob este prisma, o *lócus* enunciativo e “local de fala” são usados no contexto da contingência: *lócus* enquanto pensamento fronteiriço como afirmou Mignolo (2000) e “local de fala” como a localização epistêmica de quem fala, ou seja, se quem “fala” assume-se como subalterno, hegemônico ou híbrido como apresentado em nosso texto. Desta forma entendendo o indigenismo literário como abordagem discursiva debatendo junto às concepções de Ribeiro (2017, p. 32) no que concerne um discurso constituído “como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle”.

Na visão de Ribeiro (2017, p. 48), o local de fala ou *lócus* enunciativo¹ faz referência à localização social de um determinado grupo de indivíduos onde o espaço de participação que o constitui seria um lugar em que os diferentes grupos sociais se fazem presentes. Pensar o híbrido através da cultura e da literatura é promover o questionamento de uma série de perguntas muitas vezes com respostas parciais, abertas e provisórias que podem mudar ao decorrer de novas abordagens e novos contextos e inclusive modificar-se com o surgimento e/ou reformulação de novos aparatos teóricos.

¹ *Lócus* enunciativo e local de fala são usados no contexto da contingência. *Lócus* enquanto pensamento fronteiriço como afirmou Mignolo (2000) e “local de fala” como a localização epistêmica de quem fala, ou seja, se quem “fala” assume-se como subalterno, hegemônico ou híbrido como apresentado em nosso texto.

Neste contexto e em diálogo junto às concepções de Ribeiro (2017), entre outros teóricos, o indigenismo integra “um espaço de fala híbrido”. Este espaço híbrido constituído pela visão de alguém que não é natural do *lócus* indígena e está configurado como um indivíduo buscando falar em nome daquele grupo que, devido ao contexto sociocultural subalterno, se encontra(va)m em situação de silenciamento devido à forte influência da colonialidade e movimentos internos e externos a América Latina.

O *lócus* enunciativo sob esta abordagem epistemológica, não pode ser aplicada à identificação de um determinado indivíduo isoladamente. Este *lócus* está concretizado nas experiências historicamente compartilhadas e baseadas na coletividade com um grau de continuidade ao longo do tempo, de modo que as realidades de grupo transcendem as experiências individuais. Para Ribeiro (2017) as experiências compartilhadas em um determinado grupo refletem ainda a importância da teoria ao ajudar a entender os mecanismos das relações hierárquicas entrecruzando diferentes formas de opressão ao interseccionar raça, gênero, classe, sexualidade entre outros constituindo os diferentes espaços de fala. É neste complexo da dinâmica humana sendo questionada a representação da classe dominante como aquela impondo o silenciamento aos subalternos.

O Indigenismo, enquanto estética de subalternidade, evidenciando o lugar do silenciado, em específico no contexto sociocultural no início do final do Século XIX e início do século XX na América Latina. E ao estar localizado no âmbito da representação em um contexto em que “o não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável”. (Ribeiro, 2017, p. 44). Uma vez que o *lócus* da classe hegemônica mantendo a classe subalterna silenciada. Assim, o paradigma da “representação” sendo importante em específico na questão do Indigenismo e dos demais grupos sociais emudecidos capitáveis inclusive pelo viés estético da Literatura.

Dadas as condições de silenciamento dos povos indígenas nos diferentes países latino-americanos, teóricos como Mariátegui (Peru) e autores da Literatura a exemplo de Alcides Árguedas (Bolívia), Maurício Magdaleno (México) entre outros, utilizaram dos mecanismos de representação do local de fala da classe privilegiada “rompendo a lógica de que apenas os subalternos falem de suas localizações” (Ribeiro, 2017, p. 47). Assim, para voz ao sujeito subalterno, seria necessário, na visão de pensadores como Mariátegui (2008), que alguém de fora deste *lócus* utilizasse dos mecanismos dos grupos hegemônicos para falar em nome dos segregados no âmbito da colonialidade.

TEORIA E CARACTERIZAÇÃO DA SEGUNDA FASE DO INDIGENISMO

Ao traçar um paralelo entre as obras *Raza de Bronce* na Bolívia (2001; 2006) e *El Resplandor no México* (1937; 1950) foi possível elencar alguns aspectos característicos comuns possibilitando a construção de uma teoria e uma episteme própria. Dentre estes aspectos, sendo possível elencar alguns, o movimento conhecido como *Mujikismo* e o estabelecimento de uma relação com a Revolução Russa. Também as obras tendo em comum a Representação do Indígena como subalternizado em situação análoga aos processos escravizatórios, incluindo nestes a inclusão de aspectos históricos. Ainda sendo possível analisar o indigenismo enquanto literatura de temática proletária, além dos aspectos de território, territorialidade e o determinismo na Literatura Indigenista.

Além das diferentes revoluções político-militares às quais o mundo esteve submerso nas primeiras décadas do século XX, diferentes movimentos literários serviram de apoio para a consolidação do Indigenismo. Nesse processo, destacando a Literatura *Mujikista* à qual citamos nesse texto, como também a chamada Literatura Proletária. E César Vallejo (1928, apud Schwartz, 1995) descreveu a Literatura Proletária como sendo uma arma de combate centrada na “luta de classes que deve prosseguir na literatura como em todas as esferas sociais” (apud Schwartz, 1995, p. 452). Vallejo (Schwartz, 1995) ainda analisou essa tendência como forma de subversão da literatura até então da época descrita pelo autor como sendo “um dos campos em que a burguesia desencadeia sua ofensiva suprema contra o proletariado” (Schwartz, 1995, p. 452) que refletiu o contexto social abarcando diferentes países no mundo como no caso da Rússia, o México, a Índia entre outros contribuindo para a propaganda revolucionária na América.

A estética indigenista foi influenciada de um lado pelos sentimentos de aversão a filosofia colonial, a exemplo do positivismo e da interpretação do darwinismo, bem como pelos movimentos políticos e as diferentes revoluções sociais do início do século XX que marcaram o mundo. Nestas, destacando a Revolução Russa (1917), a Revolução Mexicana (1910), a Primeira Guerra Mundial entre outras. Para fins de exemplificação, as obras abordando questões históricas citando tanto o movimento *mujikista* e a própria Revolução Russa. Os fragmentos a seguir demonstrando a apropriação da temática:

El indio nos ahoga con su mayoría. De dos millones y medio de habitantes que cuenta Bolivia, dos millones por lo menos son indios, y ¡ay del día que esos dos millones sepan leer, hojear códigos y redactar periódicos! Ese día invocarán esos tus principios de justicia e igualdad, y en su nombre acabarán con la propiedad rústica y serán los amos. (Árguedas, 2006 p. 222).

Dijo, sin embargo: —El mujik es la última categoría social rusa, y en él predomina la ausencia casi absoluta de voluntad y más absoluta todavía de las libertades individuales y... —Estás entrando en generalidades, y yo necesito respuestas categóricas. ¿Goza el mujik del derecho de propiedad? ¿Lo que gana con sus esfuerzos le pertenece a él o se lo quitan otros? ¿Puede dejar de herencia sus bienes?... A esto quisiera que me respondas. (Árguedas, 2006 p. 223-224).

—¿Qué va a pasar en México, pues? ¡Esto es peor que en Rusia, que, según dicen los periódicos, anda patas arriba, sin gobierno, sin ley y sin Dios! ¡Mire usted que arrebatárles las tierras a sus legítimos dueños y entregarlas a esta manada de desgraciados es acabar con lo poquito que queda! ¡Lo que viene es el bolcheviquismo..., las ideas del diablo... el castigo del cielo..., el Apocalipsis..., el fin de todo! (Magdaleno, 1937, p. 48).

Estes propunham entender e denunciar através dos romances a situação de subalternidade, exploração e miséria, como no caso contos de Anton Tchekov (2002), inicialmente publicado em 1897 explorando a situação de miséria e pobreza, como destaque para a narrativa de “*Os Mujiques*”. Ressaltando ainda que, nas décadas iniciais do século XX, as ideologias marxistas e filosofia propagada pela Revolução Russa de 1917 e à ascensão do comunismo soviético promoveram a incorporação de algumas das temáticas bolcheviques nas ficções, servindo como meio para examinar as lutas de classe e as desigualdades sociais no interior das literaturas nacionais.

As ficções indigenistas serviram como ferramentas de denúncia ao explorarem as complexidades da condição humana e as questões sociais ultrapassando as fronteiras das nações, foram captadas ao longo do século XX no contexto latino-americano. Buscamos elencar um conjunto de aproximações temáticas, teóricas e estéticas entre as referidas obras. Contudo, ressaltado que, para além do comunal, as referidas obras apresentaram situações que, nos contextos nacionais, distanciaram-se. Um destes aspectos teóricos de dissidência entre as obras sendo a temática da Reforma Agrária. Na obra do escritor boliviano, o nome Melgarejo foi citado em algumas passagens como no caso de:

En todas las casas, de todas las bocas se elevó, en secreto, un coro de anatemas contra los criollos detentadores de esas sus tierras, que, por tradición, habían pertenecido a sus antepasados, y de las que fueron desposeídos, hace medio siglo, cuando sobre el país, indefenso y acobardado, pesaba la ignorante brutalidad de Melgarejo. Entonces, so pretexto de poner en manos diligentes y emprendedoras la gleba en las suyas infecunda, arrancaron, con mendrugos o a balazos, la tierra de su poder, para distribuirla, como gaje de vileza, entre las mancebas y los paniaguados del mandón, cayendo así en su aridez de ahora, porque el brazo indígena, que por interés, codicia y sarcasmo, dieron en llamar inactivo los congresales de ese año triste de 1868, resultó más pobre, más ocioso, que el de los improvisados terratenientes, que sólo tuvieron la habilidad de encontrar en el indio un producto valioso de fácil explotación y el talento de inventar nuevas cargas, sin osar ningún esfuerzo de modernización, inhábiles del todo para emprender... (Árguedas, 2006, p. 95-96).

Na Bolívia as questões envolvendo as reformas agrárias nos governos de Mariano Melgarejo (1864-1871), na perspectiva liberal-progressista foram contestadas pelos dois mandatários seguintes: Agustín Morales (1871-1872) e Adolfo Ballivián (1873 -1874) e posteriormente Tomas Frías (1874 - 1876). Esses conflitos ocorreram na segunda parte do Século XIX e foram marcantes para o povo e a literatura indigenista na Bolívia. No caso do México, os conflitos agrários referenciados no período da Revolução Mexicana de 1910 e os acontecimentos que a sucederam. Na obra do escritor mexicano, em tom crítico, foi apresentado o Presidente Porfírio Díaz como sendo “um herói” para a classe abastada mexicana. E Francisco Madero, tido como defensor da classe pobre, apresentado como alguém não atendendo os anseios do povo. A obra mexicana retratando algumas dessas figuras históricas:

—¿Cuáles villistas? Por aquí no andan más que gentes de la Federación. ¡El diablo se los lleve a toditos juntos! ¡No más le digo que está el país atrasado y perdido! Que salió don Porfirio y que ahora viene Madero... ¡Lo único que sabemos los pobres es que las bolas nos quitan lo poquito que tenemos para comer! (Magdaleno, 1937, p. 87, destaques nossos).

—Y don Porfirio Díaz, nuestro padre —agregaba el hacendado, muy cuidadoso de que la fórmula presidencial no pasase inadvertida.

—¡Viva el Héroe de la Paz!

—¡El vencedor del Dos de Abril! —¡El gran gobernante!

—¡El azote de los malos mexicanos! (Magdaleno, 1937, p. 68).

Para a classe dominante, Porfírio Díaz era um pacificador *héroe de la paz y el constructor de México* (Magdaleno, 1937, p. 63), sendo cultuado como o salvador dos bons mexicanos. Para Magdaleno (1937; 1950), Madero foi apresentado não somente como

adversário de Díaz, mas como um indivíduo contrário ao desenvolvimento econômico e sem habilidade política para atender os anseios da classe dominante.

No tocante à denúncia da subalternidade, Borello (2009, p. 113) analisa que a obra de Árguedas reflete muito das ações sobre o povo *aymará* ao apresentar ao leitor como *esa comunidad es atacada (agredida y explotada) por los blancos y sus cómplices (los cholos, administradores, políticos, comerciantes, la Iglesia)*, o que justificaria uma reação feroz e violenta destes indígenas em contraponto aos abusos sofridos. Os fragmentos de ambas as obras apresentados a seguir servem como exemplificação das questões de subalternidade:

*¡Toma, ladrón! Lanzóse sobre el indio y le descargó el látigo en la cabeza, en las espaldas, donde caía, ciego de ira, en tanto que el hombre se ocultaba, ocultando el rostro entre las manos, corría por el patio, bramando como un toro.
¡Déjalo, hombre! ¡Pobrecito! –intervino Aguirre, realmente contrariado por la flagrante injusticia y cogiéndole por el brazo.
¡Perdón, tata; te voy a obedecer!...
¡Te has de ir! ¡Ahora mismo te has de ir!...
Bueno, tata, me voy a ir; pero no me maltrates, pues soy viejo –suplicaba Checa, llorando, más que de dolor, de rabia, de despecho, pero fingiendo sumisión (Árguedas, 2006, p. 229).*

Los otomíes eran unos hombreritos chaparros y dulces que acogieron al español casi en son de beneplácito, mirando en él la salvación de la durísima férula del azteca vecino. La violencia vino después, cuando hubo que despojar a las indiadas de sus tierras y marcar los lomos de hombres y niños con el fierro del propietario, como se marcan las grupas de las bestias, para que los pueblos sometidos reconociesen indudablemente sus vasallajes (Magdaleno, 1937, p.39).

Árguedas na ficção *Raza de Bronce* (1919) refletiu essa situação de retaliação aos abusos ocorridos. Nos fragmentos finais expostos acima, foi possível observar como o *terrateniente* Pablo Pantoja agredia física e psicologicamente os indígenas *Yamarás*. Nos fragmentos finais da obra boliviana, está descrito o estupro e morte da personagem *Wuata-Wuara*. Em tom de chacota, Pablo Pantoja ironizou a capacidade da indígena de (auto)defesa utilizando o termo *Raza de Bronce* para indicar a dureza e a resistência deste metal.

Na obra de Magdaleno, a visão não sendo diferente: a imagem tradicional do indígena apresentada como um ser carregado de abnegação, passividade, indolência, sujeira, alcoolismo entre outros. Ainda o indígena *Otomí* mexicano descrito como um ser cansado de circunstâncias e se tornando violento devido às situações extremas impostas a esta etnia, que se tornaram triviais pelo excesso. Ressaltando que, diferente da obra boliviana cujos indígenas

reagindo violentamente aos abusos, os *Otomí* mexicanos estando presos a um ciclo de impossibilidade de uma reivindicação ou reação como analisou Magdaleno (1937) na ficção.

A temática proletária adentrando na literatura indigenista não parte da cosmogonia indígena, mas na inserção da figura do trabalhador urbano no processo de industrialização, com ênfase na *“la lucha del proletariado contra el capital que es indesligable de la del campesinado contra la feudalidad”* como afirmou Mariátegui (2008, p. 82). Neste mesmo caminho fator este que transparece nas obras. As temáticas proletárias apresentadas nos recortes a seguir:

Y tú no conoces al indio, por dos razones principales. La primera, porque apenas hablas su idioma; la segunda, porque nunca has sido propietario. Y todos los generosos defensores de la raza se te parecen. Todos hablan de memoria, y esos doctores cholos que con razón te escaman, hasta discuten con brillo, porque tienen a mano un recurso que siempre produce maravillosos efectos; elevar la voz en defensa de los oprimidos, invocar las eternas teorías de igualdad, justicia y otras zarandajas de la misma hechura. Pero habla con los patrones y propietarios, con aquellos que andan en íntimo contacto con los indios, y no habrá uno, uno solo... (Árguedas, 2006, p. 221).

De allí en adelante nadie entendió una sola frase más de la huracanada alocución de Pedroza, ni aun Esparza, que le seguía la verba con una atención desesperada e inútil y que asentía de cuando en cuando, ratificando vivamente tal o cual concepto enrevesado y pedante del intelectual. Era un diluvio que parecía no tener fin, una verdadera inundación de tropos, metáforas, citas, recuerdos históricos, sentencias y cuanto hay de recursos oratorios para embobar a los idiotas y aburrir a los que no lo son. Salieron a relucir, por primera vez en la inocente existencia de San Andrés de la Cal, la democracia y el absolutismo; la tierra es de quien la trabaja..., la riqueza es un crimen..., y, sin embargo, se mueve..., todo se ha perdido menos el honor..., el respeto al derecho ajeno es la paz..., alea jacta est..., bienaventurados los que sufren..., los ricos son la maldición del mundo..., proletarios de todos los países, uníos...; la religión es el opio de los pueblos..., o renovarse o morir..., los pueblos tienen los gobiernos que se merecen..., justicia inmanente..., ¿acaso estoy en un lecho de rosas?... (Magdaleno, 1937, p. 109).

Reiteradamente a literatura indigenista nesta segunda fase buscou atuar como um reflexo das transformações sociais e econômicas ocorridas com a industrialização, onde a classe operária se tornou uma força social cada vez mais significativa, sendo esta uma das temáticas marcando a literatura bolchevique do final do século XIX. No caso da obra de Árguedas, os indígenas e as comunidades proletárias como parte de um mesmo grupo subalterno. No caso da obra do mexicano Magdaleno, os indígenas tidos como trabalhadores rurais e constituindo o que o autor chamou de *“el proletariado del campo”*. (Magdaleno, 1937, p. 276). Em ambas as obras, o indígena foi tratado como trabalhador proletário, em uma

tentativa de utilizar a Literatura para contribuir junto a mobilização em torno de causas comuns, como é o caso da terra e da agricultura fortalecendo os movimentos sociais. Ressaltando que, enquanto a literatura russa analisou a imagem do proletário a partir do trabalhador urbano, no indigenismo, as questões proletárias se deslocaram ao trabalhador indígena rural. Uma outra temática que se destaca nesta fase do indigenismo foi a questão do território, da territorialidade e como estes aspectos corroboraram para a constituição do determinismo. Assim:

QUADRO 01: Território, territorialidade e o determinismo na Literatura Indigenista.

Formas de representação da relação com a natureza	Caracterização da temática	
	<i>Raza de Bronce</i>	<i>El Resplandor</i>
Expressão do território	Relação dos <u>yamarás</u> com o trabalho na agricultura. A terra é fonte do sustento material.	Relação dos <i>otomi</i> com o trabalho na agricultura e a extração de cal. Com a escassez de chuvas, a fonte renda é proveniente do trabalho na mineração deste material.
Natureza como expressão responsável pelas condições humanas	A relação entre a natureza e o ser humano é um tema perene na literatura atuando como um reflexo das emoções, dos conflitos e das aspirações humanas.	A terra e a natureza como um refúgio, um adversário, um espelho ou uma metáfora. Através das catástrofes naturais ficam refletidas as lutas e as esperanças dos personagens.
Expressão da territorialidade	A terra e a natureza enquanto espaço simbólico e ancestral	Envolve a atribuição de significados culturais a um espaço físico, através de símbolos, tradições e práticas.

FONTE: autoria desta pesquisa a partir das obras de referência.

Para Raffestin (1993), o “território” é concebido a partir do ambiente físico como “matéria-prima” natural e resultado da ação social, simbólica ou concreta em um determinado espaço. Ainda para o referido autor, o território também concebido como prática ativa produzida por um conjunto de relações que os diferentes agentes e instituições sociais mantêm entre si e com a Natureza, envolvendo a apropriação política, social e econômica de um determinado espaço. Os exemplos a seguir citaram de forma mais direta de como os indígenas entendendo a ideia de território, ressaltando a perspectiva híbrida e performativa do escritor indigenista:

El ROJO dominaba en el paisaje. Fulgía el lago como una ascua a los reflejos del sol muriente, y, tintas en rosa, se destacaban las nevadas crestas de la cordillera por detrás de los cerros grises que enmarcan el Titicaca poniendo blanco festón a su cima angulosa y resquebrajada, donde se deshacían los restos de nieve que recientes tormentas acumularon en sus oquedades. De pie sobre un peñón enhiesto en la última plataforma del monte, al socaire de los vientos, avizoraba la pastora los flancos abruptos del cerro, y su silueta se destacaba nítida sobre la claridad rojiza del crepúsculo, acusando los contornos armoniosos de su busto. (Árguedas, 2006, p. 7).

El río es traicionero, veleidoso, implacable. Hay que arrojarlo palmo a palmo, sin reposo ni desfallecimientos. Hoy corre por aquí, socava el terreno y lo derrumba. En vano se ponen muros a su veloz corriente; vanamente se construyen a fuerza de paciencia y dinero esas grandes albergadas de troncos y asentadas con piedra acumulada en largos días de trabajo porfi ado; de pronto se encapricha, toma nuevo rumbo y las deja en seco, para mostrarse allí donde no existen, cuando no las ataca por detrás, para cargárselas con toda su complicada trabazón, después de haberlas despojado de su armadura de piedra. (Árguedas, 2006, p. 41).

Assim, o território definido como sendo “o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. (Santos, 1998, p. 08). A tradução das cosmogonias indígenas por parte dos escritores indigenistas expressando a relação destes com o território relacionada às questões trabalhistas. Nas obras indigenistas, o termo território sendo o espaço geográfico ao qual os indígenas mantem residência e tirando o sustento, sendo ou não o local sagrado. O pensador Gustavo Emído Zúñiga Navarro (1998), por sua vez, estudou a questão territorial através da ótica do Movimento Indígena pelo viés da “territorialidade” expressando nas dimensões “espaciais” (no uso dos recursos de um determinado território natural) e “processuais” (diferentes processos aos quais estão inclusos os políticos, os econômicos, os sociais e os culturais de forma a assegurar a tanto a reprodução quanto a continuidade material e sociocultural dos povos indígenas regidos). Regidos de acordo com as normas indígenas. Os fragmentos a seguir demonstrando a um pouco da ideia de territorialidade:

Choquehuanka se levantó con el alba, cogió del patio una de las pértigas apoyadas contra el techo, echóse encima un manteo, y salió al campo. Todavía parpadeaban las estrellas en un cielo turquesa, de placidez infinita, y las bestias aún no habían despertado de su sueño. Un silencio profundo pesaba sobre la llanura y los objetos ya perdían sus contornos en la tenue claridad de la aurora...

Se inclinó, tomola cuidadosamente y miró el lado en que apoyaba en tierra. Estaba seco, y en sus asperosidades una araña había tejido su hilo. Hizo un gesto de contrariedad y la enseñó a los otros:

— ¿Lo ven? Tenemos mal año.

— Ya lo sabemos; todas se presentan así.

Estaban tristes, afligidos, y callaron.

A poco se les reunieron los otros cateadores, y todos traían idéntica convicción: el dorso de las lastras, seco en estos primeros días de agosto, anunciaba falta de humedad en la atmósfera, y por consiguiente, ausencia de grandes lluvias, es decir, año fatal.

—¿Encontraste nidos en los cerros? (Árguedas, 2006, p. 134).

Oscuros ojos refulgentes de las mujeres, que sufren y no reclaman nada, a veces inocentes como los de las bestias y otras emboscados y recelosos. Bocas de gruesos labios estriados por los vientos áridos y punzadores como la gleba de las eras sacudidas por la tolvanera; raídos bigotes de guías hirsutas, pelambres lustrosos e indóciles como la flora del cactáceo que adorna con adorno angustioso el páramo; voces suaves en que se dice el amor, la querella pasional, el odio y la charla trivial de las noches de los agostaderos. Tras lomita, dentro de veinte años, y la voz repite la monótona naturalidad de un paisaje sin fronteras y que por lo mismo es ajeno a la noción del tiempo y el espacio. Ni la piedra, ni el nudoso órgano, ni el mezquite se quejan. ¿Por qué habían de quejarse? El otomí sólo sabe que su muerte será menos sentida que la de la mula o el buey que dan el sustento a la familia. Los ojos columbran las distancias y las bocas callan. El cura los abandonaba. Dios los abandonaba, como decía don Melquiades... ¡Ya se acostumbrarían, también, a pasársela sin ellos! (Magdaleno, 1937, p. 17-18).

Nos referidos romances, os autores buscaram, ao seu modo de ver híbrido e não-indígena, interpretar a forma de relacionamentos dos indígenas com a terra como entidade coletiva e sagrada. Ainda observando que os escritores indigenistas escreveram a partir das percepções nem sempre comungando com as relações dos indígenas com a terra. Contudo, ressaltando que a ideia de territorialidade estabelecendo relação entre os indivíduos ou grupos com um determinado espaço, seja físico ou simbólico. Essa relação envolvendo não apenas a apropriação e o uso de um território, como também a defesa e a construção de significados em torno desse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos analisar o Indigenismo categorizado inicialmente em fases e estabelecendo foco na chamada “Segunda Fase do Indigenismo Latino-Americano”. Para esta pesquisa, a temática foi analisada a partir dos chamados Estudos Culturais Pós-Colonial com ênfase aos Estudos da Subalternidade para traçar um perfil das formas de representação literária sobre o indígena estabelecida pela hibridez. Esta fase da literatura indigenista caracterizada como uma forma de escrita em que uma terceira pessoa não-indígena buscando

escrever sobre estes para, pelo viés artístico, representar as diferentes formas de opressão a que estes povos estiveram (ou estão) sujeitos desde o processo de colonização da América até o presente. Reiterando que essa visão subalterna acerca do indígena, pode não corroborar com a visão do próprio ameríndio. Esse perspectivismo do escritor indigenista divergindo, na contemporaneidade, da cosmovisão do *Aymará*, do *Otomi* ou de outras etnias uma vez que estes povos nem sempre veem a si mesmos como vítimas.

A perspectiva assumida pelo escritor de literatura indigenista é de alguém transcrevendo uma situação observada e não vivida. Neste caminho, a crítica ao indigenismo literário geralmente se concentra em como essa corrente literária, apesar das intenções de representar e defender a causa indígena, muitas vezes falhando em capturar as vivências e a voz dos povos indígenas. Como síntese ainda observamos que as obras indigenistas, não somente as analisadas nesta pesquisa bem como as demais citadas e cuja escrita ocorreu entre as décadas de 1910 e 1940. Apresentando algumas características em comum, como no caso da possibilidade de pertencimento a tradição literária Modernismo da América Latina, enquanto integração. (Figueiredo, 2013). Ainda essas ficções pertencendo a Segunda Fase do Indigenismo, literário sendo influenciadas pelo Realismo (no caso da obra de Magdaleno, classificada na tradição do Realismo Mexicano).

Ainda ressaltando a defesa do Indigenismo enquanto “Vanguarda”, e esta política, ao assumir uma conexão diretamente relacionada ao estético e o político refletindo o progresso social. No século XX, o termo alcançou outras conotações quando relacionadas a participação social e introduzindo temáticas relacionadas ao Socialismo e ao Marxismo, em um contexto histórico abrigando levantes revolucionários.

Estabelecemos a dicotomia vanguardista consolidada entre o “estético e o político”, em que neste caso o “estético” (cubismo, futurismo, dadaísmo) centrado em modificar a própria arte, não se esgotando, no entanto, a esta característica; “político” (indigenismo entre outros) ao utilizar da arte como forma de enviar uma mensagem ao mundo através de temas envolvendo uma necessidade coletiva. As obras ainda focaram a denúncia centrada nas questões indígenas e interpretação/tradução de uma situação social. Ressaltando ainda que, mesmo que referenciados em contextos históricos diferentes, as obras dialogando entre si e com outras ficções de mesma temática e possíveis de serem lidas a partir de uma cartografia do imaginário, na perspectiva transnacional, ao ultrapassar os limites geopolíticos dos Estados latino-americanos.

Ainda sendo importante ressaltar que o Indigenismo bem como a literatura indigenista está presente na contemporaneidade. É possível afirmar ainda a existência de uma nova fase de indigenismo literário na atualidade, a partir de nomes como Josely Vianna Baptista em livros como *Cadernos a Ameríndia* (1996), Douglas Diegues com *Kosmofonía Mbyá Guaraní* (2006) entre outros. Fora do Brasil, destacando obras como *Jepira* (1989) de José Soto, *Los abuelos de cara blanca* (1991) de Manuel Mejía Vallejo y *El gran jaguar* (1991) y *Los ojos del cielo* (1993) de Bernardo Valderrama Andrade, todos estes colombianos.

Na contemporaneidade, a escritura indígena abordando temas sobre a personificação e as visões do mundo nativo, ainda a ampla compreensão das questões indígenas e o enriquecimento de recursos narrativos. E ainda no presente, a ideia de Indigenismo Indígena, com uma mudança substancial neste conceito divergindo da ideia de Indianidade. Enquanto a Indianidade refletindo a ideia do indígena em escrever sobre e a partir de sua cosmogonia, com a voz e a sua cultura, o Indigenismo Indígena referindo-se à ação dos povos indígenas na iniciativa na defesa de direitos, na construção das identidades e planos de vida. Portanto, uma análise do indigenismo da perspectiva dos principais destinatários.

REFERÊNCIAS

ARGUEDAS, Alcides. **Raza de bronce**. Santiago: Faculdade de Ciências Sociais/Universidade do Chile. 2001.

ÁRGUEDAS, **Raza de bronce**. Colección Clásica, nº 234. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho. Ven. 2006.

BORELLO, Rodolfo A. **Arguedas: Raza de bronce**. Otra ed.: Cuadernos Hispanoamericanos, núm. 417 (marzo 1985), pp.112-127, Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009.

CHURATA, Gamaliel. **El pez de oro: retablos del Laykhakuy**. Rolando Diez de Medina. La Paz. 2007.

COUTINHO, E. **Literatura comparada: reflexões**. Annablume Editora. São Paulo. 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice; REIS, Livia (orgs.). **América Latina: integração e interlocução**. Rio de Janeiro: 7Letras. 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações da etnicidade: perspectivas interamericanas da literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras. 2010.

MATTO DE TURNER, Clorinda. **Aves sin nido**. Castelló de Plana: Universitat Jaume I, [1889] 2006.

MAGDALENO, Mauricio. **El resplandor**. Ciudad Del México: Titivillus Ed. 1937. Texto em EPUB-PDF.

MAGDALENO, Mauricio. **El resplandor**. 4. ed. Buenos Aires: Promexa Ed. 1950. Versão Impressa.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2020.

MARIÁTEGUI, J.C. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. Trad. Felipe José Lindoso. São Paulo: Expressão Popular/CLACSO, 2008.

NACIFF, Márcia. **La raza de bronce de un pueblo enfermo, o Alcides Arguedas y el problema del indio**. Cuadernos del CILHA - a. 9 n. 10. - Mendoza Arg. 2008.

NAVARRO, Pilar Bellido. **Narrativa de la Revolución Mexicana: la revolución en las artes y en la prensa**. Universidad de Sevilla. Departamento de Comunicación Audiovisual, Publicidad y Literatura. Sevilla. 1996.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é: lugar de fala?** Letramento: Justificando. Belo Horizonte. 2017.

ROTKER, Susana. **La invención de la crónica**. Buenos Aires: Letra Buena.1992.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos**. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Iluminuras. 1995.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, V. 5. 1998.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Crítica de la razón poscolonial: hacia una historia del presente evanescente**. Madrid: Ediciones Akal. S, A. 2010.

ZÚÑIGA NAVARRO, G. E. **Los procesos de constitución de territorios Indígenas en América Latina**. Nueva Sociedad. Buenos Aires: Nro. 153 Enero-Febrero. 1998.

DADOS DE AUTORIA

Paulo Rodrigo Pereira da Silva

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - 2025. Mestre em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - 2019. Especialista em Programação do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco (UPE) - 2007. Graduado em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – 2016 e em Letras - Português, Inglês e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE) - 2005. Atualmente é Professor com duplo vínculo (Português e Inglês respectivamente) do quadro permanente na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. Também realiza pesquisas sobre "Indigenismo Literário", Estudos Literários, Estudos Culturais, Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio, Letramento Literário, Multimodalidade, Multiletramentos e Metodologias do Ensino de Línguas e Literaturas (Brasileira, Espanhola e Anglofona) sendo membro dos grupos de pesquisas "LinTEd (Linguagem, Tecnologia e Educação)" e "Textos Fundadores das Nações Latino-americanas na Segunda Modernidade". Email: rodrigoteacher@hotmail.com ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4832086449519579> ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9064-2781>

Juan Pablo Martín Rodríguez

Licenciado em Direito (UBU) e Letras Espanhol/Português pela UFPE. Mestre e Doutor em Teoria da Literatura em PPGL UFPE. Atualmente estuda sobre NEOBARROCO e literatura hispanoamericana dos séculos XIX e XX. Professor Associado III da Licenciatura em Letras/Espanhol UFPE. Atualmente Coordenador da Licenciatura em Letras/Espanhol EAD e Diretor Financeiro de APEEPE. Email: jpabloburgos@gmail.com ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3684448281838191> ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7252-102X>